

Projeto Cinco Peles: educação para o consumo consciente e para o lido sustentável para com o ambiente

Thiago Cancelier Dias^{*} & Elisa Abrão^{}**

Resumo

O presente texto é um relato das experiências ocorridas no projeto de educação ambiental aplicado em séries iniciais na cidade de Campo Largo/PR. O projeto teve como eixo metodológico questionar os hábitos de consumo, tendo como base a idéia de Friedensreich Hundertwasser, intitulada como as cinco peles, são elas: a epiderme, a vestimenta, a casa, a identidade construída a partir das relações humanas e a Natureza. A partir do eixo temático das cinco peles foram propostas atividades lúdicas e práticas baseadas no trato com o Ambiente e na construção de brinquedos-sucata, percebidos como possibilidades para a cultura infantil.

Palavras-chave: consumo infantil; brinquedo-sucata; Friedensreich Hundertwasser; cinco peles; Campo Largo / PR

* **THIAGO CANCELIER DIAS** é Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente trabalha na editora da Unicentro e é professor orientador em dois projetos de extensão: "Memória da Agricultura Familiar e Campesina" e "Movimento Hip-Hop em Guarapuava: Universidade Potencializando o Protagonismo Juvenil na Cidade".

** **ELISA ABRÃO** é Graduada em educação física pela Universidade Federal do Paraná, com especialização ed. física escolar e mestrado em ed. física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, atua como professora de dança no curso de arte-educação na Universidade do Centro-Oeste do Paraná e é coordenadora do projeto "Movimento Hip-Hop em Guarapuava: Universidade Potencializando o Protagonismo Juvenil na Cidade"

Considerações iniciais

Em 2008, a prefeitura de Campo Largo/PR publicou edital para selecionar oficinheiros de diversas áreas para ministrarem aulas práticas para alunos das séries iniciais da rede municipal. O objetivo da prefeitura era assistir crianças com dificuldades de aprendizagem ou/e em situação de risco social. A proposta era promover atividades lúdicas e formativas no contra turno escolar. Para a seleção foi proposto o “Projeto Cinco Peles”. Este projeto é objeto de discussão do presente artigo por apresentar uma metodologia própria, construída a partir de premissas baseadas em noções ecossistêmicas do arquiteto e poeta Friedensreich Hundertwasser e nas experiências com brinquedos-sucata de Marina Marcondes Machado.

Cinco peles é o nome do conceito que embasa a noção ampliada de corpo de Hundertwasser. Suas obras artísticas e arquitetônicas partem de uma compreensão de mundo embasada na idéia de um corpo humano composto, também, por dimensões exteriores ao organismo. Sua compreensão ecossistêmica parte da concepção de que há “cinco níveis de consciência e percepção da existência” (MELO et al, 2007, p. 119), as cinco peles seriam: a epiderme, a vestimenta, a casa, a identidade construída a partir das relações humanas e a natureza.¹

Em suma, os eixos temáticos das oficinas foram estruturados a partir desta compreensão sistêmica de corpo, com cinco níveis de relacionamento humano com a natureza, com o propósito de situar os alunos em diferentes esferas de percepção e

compreensão da realidade, objetivando fomentar a noção de que nós humanos somos agentes ativos nas transformações do ambiente.² A partir dessas preocupações, buscou-se fornecer, também, uma educação sobre o consumir humano em suas diversas instâncias, utilizando de aulas práticas e teóricas que relacionaram as cinco peles as vivências cotidianas das crianças.

Discussões sobre o consumo infantil permearam as oficinas, pois se entendeu que mudanças nos hábitos de consumo são chaves para uma transformação real nas relações ser humano/natureza, por possibilitar menor impacto dos humanos no ambiente. Objetivou-se que os alunos tivessem maior consciência do que consomem e do que descartam e que percebessem a necessidade de conservar os recursos hídricos, o solo e o ar, como elementos essenciais da vida. Também, pretendeu-se que compreendessem que a natureza precisa ser cultivada e amada, para tanto, eram estimuladas relações cooperativas e práticas saudáveis com o ambiente.

As relações cooperativas foram fomentadas a partir da premissa de que brincar é uma necessidade e um direito da criança, ao mesmo tempo, é uma maneira de consumir o mundo. Nas oficinas foram construídos brinquedos-sucata como parte do esforço de re-significação do lixo reciclável como possibilidade para a cultura infantil. O brinquedo-sucata foi percebido como um fazer lúdico de transformação e criação. A construção de brinquedos a partir de materiais inusitados, diferentes e engraçados, para além de ser apenas uma reutilização do lixo, é uma transformação da relação criança-brinquedo-ambiente. As crianças, ao

¹ Ver: CAIXA CULTURAL. **Olhares sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e Meio Ambiente** - Hundetwassser e Mello. Brasília: Caixa Cultural, 2009.

² Apesar da divisão em eixos temáticos, o conceito das cinco peles foi tratado em todas as oficinas.

invés de serem proprietárias de seus brinquedos pelo ato de comprar, a qual esta implícita uma idéia de utilizar o mundo, foram estimuladas a serem criadoras de seu próprio brinquedo-sucata, fomentando assim, a percepção de que elas são capazes de criar e transformar o mundo que as acerca. Na busca de exercer nas crianças a capacidade de escolha na utilização de materiais em seus brinquedos, utilizou-se também de materiais naturais, para além da frieza do plástico tão presente nos brinquedos industrializados.³

Com uma prática pedagógica embasada nos preceitos metodológicos da pesquisa participante, buscou-se ampliar a consciência das crianças sobre a necessidade, ou não, de um comprometimento delas com o ambiente em que vivem. Essa perspectiva metodológica instiga os alunos a criarem condições para a realização de processos investigativos sobre o ambiente que os cerca, produzindo diagnósticos capazes de sustentar intervenções que busquem harmonizar as relações ser humano-natureza. Desta maneira, o trabalho pedagógico teve o sentido de organizar experiências que fossem, concomitantemente, investigativas, cooperativas e propositivas, com as quais, pretendeu-se alterar os contextos e os sujeitos envolvidos. Teve-se o desejo de que os alunos aprendessem a ser “agentes multiplicadores, criadores e problematizadores” (MELO et al, 2007, p. 117), capazes de fomentar uma consciência e intencionalidade para o cultivo e cuidado com a vida.

³ Para uma melhor compreensão sobre brinquedos-sucata e a relação com o brincar, ver: MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar – atividades e materiais** (2ª Ed.). São Paulo: Edições Loyola, 1995.

Os colégios

A princípio as oficinas se destinariam a atender as crianças que apresentassem dificuldades de aprendizagem ou estivessem em situação de risco social, na prática todos os alunos que quiseram e os pais permitiram foram contemplados. As oficinas foram realizadas no contra turno, com oito turmas de vinte a trinta alunos, em dois colégios rurais. O primeiro ficava na região de Bateias e era freqüentado, em sua maioria, por alunos da classe média baixa, filhos de agricultores, professores, comerciantes e profissionais autônomos, eram crianças aparentemente saudáveis e adinham em sua maioria de famílias estruturadas. Para chegar ao segundo colégio, que se localizava na região de Três Córregos, era necessário enfrentar uma hora de estrada de chão. Em sua maioria, os alunos eram pobres, assistidos precariamente em sua saúde, mas aparentemente advindos de famílias estruturadas. Viviam da agricultura de subsistência e do corte de *pinus* e eucaliptos, algumas crianças trabalhavam em pedreiras para ajudar no sustento da família.

A equipe de profissionais dos colégios e os pais, mães e responsáveis foram convidados a se envolver na produção das oficinas, auxiliando na coleta de lixo reciclável, para ser armazenado e utilizado para a construção de brinquedos-sucata. Procurou-se disseminar a prática do manejo responsável do lixo, incentivando as famílias e as escolas a recolher seu lixo e destiná-los a reutilização consciente, com fins lúdicos e educativos. No colégio localizado na região do Bateias, a diretora já realizava a coleta seletiva, no qual vendia para uma Ong que separava o lixo e revendia a indústria. Com o dinheiro comprou uniformes, óculos, lanches, levou crianças carentes ao médico e ao dentista. A diretora

pesava o lixo, trocando-o com as crianças e mães por um vale, que mais a frente seria trocado por um brinquedo industrializado. Havia lixo reciclável disponível em abundância, entretanto o fato de boa parte do lixo reciclável não ser limpo e ser formado por garrafas PET, tornava a fabricação dos brinquedos um tanto limitada. No colégio localizado na região dos Três Córregos, o recolhimento de lixo era precário, acontecia a cada quinze a vinte dias. O lixo percebido como rejeito era recolhido pela Prefeitura, enquanto que o lixo reciclável era de competência de uma empresa de mineração de calcário, que se ofereceu para recolher o lixo reciclável, fornecendo latões e disponibilizando um caminhão para recolhê-lo. O lixo reciclável, entretanto, não era separado dos outros, por descaso dos funcionários do colégio, levando todos os lixos terem como destino o lixão.

No projeto, havia o plano de construir composteiras para o melhor lido com o lixo orgânico, entretanto no Bateias o fato de todo o esgoto do colégio ficar a céu aberto no possível local de sua construção, impossibilitou sua feitura.⁴ No colégio dos Três Córregos, a diretora mandou limpar um local adequado para a composteira, mas na conversa com a equipe de faxineiras e

⁴ Neste colégio, as quatro fossas sépticas não davam conta da vazão do esgoto produzido que corria livremente para o rio que era paralelo a escola, o problema estava nas torneiras do banheiro que não fechavam direito e os vasos sanitários que estavam sempre com problemas. A solução apresentada para a diretora foi primeiro trocar as torneiras deficitárias por outras que fechassem automaticamente, segundo construir um filtro biológico formado por juncos no esgoto. A primeira solução ela não aceitou, a segunda, para a surpresa, já estava em fase de licitação pública na Prefeitura, sua construção se iniciou no mês de novembro, perto do fim das aulas.

da cozinha, percebeu-se que quase todo lixo orgânico era aproveitado na alimentação dos porcos, por isso a feitura da composteira foi deixada de lado.

As oficinas

Nas duas primeiras oficinas as crianças percorreram o colégio e arredores indicando como a água, alimentos, materiais diversos e ambiente eram consumidos, modificados e descartados no colégio, a partir disso confeccionaram cartazes que foram dispostos nos locais onde os problemas ou o bem lidar com o ambiente ocorriam.⁵ Cartazes condenando o desperdício de água, o descartar errado do lixo reciclável, o lixo jogado no ambiente do colégio, o esgoto a céu aberto correndo para o rio, o banhado do lado da escola, os cachorros mal tratados que percorriam o colégio, árvores cortadas nos arredores para servirem de lenha, ninhos que as crianças jogavam pedras etc. Após estas duas oficinas, começaram as oficinas temáticas.

A primeira pele, a epiderme, pode ser compreendida como o nosso corpo, composto por pensamentos, sentimentos, desejos e anseios mais veementes, com uma aparência e uma maneira própria de se constituir diante do mundo. A parte orgânica foi tratada em seus aspectos relacionados ao consumo e convívio com a natureza, perguntas como: por que comemos, por que precisamos de água, por que respiramos, por que vamos ao banheiro, do que é feito nosso corpo, da onde viemos, quem somos e para onde vamos, foram tratadas em termos da

⁵ As crianças indicavam os locais problemáticos ou não, nos quais eram fotografados e revistos em uma televisão na sala de aula, momento que as crianças criavam planos, faziam críticas e teciam elogios, que eram pintados em cartazes que eram dispostos, principalmente, nas paredes do colégio.

ecologia. Além de refletir sobre as nossas necessidades biológicas, foram propostas oficinas que diferenciaram as necessidades naturais, das criadas pela cultura capitalista de consumo, que estamos imersos. Essas necessidades são construídas subjetivamente, passam a permear todas as relações humanas, conduzindo as pessoas a serem preferencialmente consumidoras, ao invés de serem cidadãs conscientes e emancipadas.

As oficinas dessa primeira pele pretenderam conscientizar as crianças sobre nosso pertencimento a espécie humana e a natureza, ensinando também, as crianças sobre a primeira pele dos outros animais e plantas, relacionando a estrutura orgânica dos animais e plantas com a noção de cadeia alimentar. Nas oficinas iniciais da primeira pele foram construídos bonecos constituídos por rolos internos de papel higiênico, arames de pão, barbantes e rolos internos de linha. Foi trabalhado também vídeos, plantado flores e hortaliças que as crianças traziam, além de serem produzidos diversos brinquedos com lixo reciclável, com a utilização de cola quente, cola branca, barbantes, fitas adesivas, clips e grampeador.

A segunda pele, a roupa, pode ser compreendida como a nossa primeira pele externa ao corpo, uma proteção, uma necessidade e um adorno, que nos veste a maior parte do tempo. A roupa reflete a identidade construída culturalmente pelas crianças, família e comunidade. Questionamentos foram feitos sobre o vestir, como e por que nós nos vestimos, do que é feita a nossas roupas e calçados, como os outros povos se vestem, como as civilizações antigas se vestiam. Essa segunda pele é entendida como pertencente apenas aos seres humanos e, por isso, foi tratada em sua especificidade. Nesse momento,

foi proposta a elaboração de roupas e calçados feitos a partir de retalhos e sucata.

A terceira pele, a casa, foi tratada em suas dimensões lar e abrigo, como um lugar onde se dorme, come, de fazer as necessidades fisiológicas, de conviver com a família, lugar onde se produz lixo, de convivência com animais e plantas de estimação e silvestres, um lugar no qual a criança é atuante e sofre grande influência. Foram apresentadas, também, as moradias dos outros animais e plantas, ensinando sobre as espécies e seus ninhos, sobre as áreas de incidência de animais e plantas. Neste momento, as crianças foram levadas a pensar sobre a importância da casa, percebendo suas várias partes e a necessidade que temos em mantê-la em estado agradável para nossa boa convivência. Antes do momento prático, as crianças foram incentivadas a pensar nas diferentes casas produzidas pelo ser humano, como os esquimós, os indígenas, os povos antigos, as pessoas que vivem nos desertos, na cidade, no campo e principalmente a casa em que vivem. A partir dessas informações foi proposta a criação de casas a partir da sucata feitas de caixas de leite, de papelão, de PET, caixas de fósforo e remédio, dentre outras. Pretendeu-se, também, incentivar a percepção nas crianças de que o colégio é a segunda casa delas, um lugar que devem respeitar, do qual fazem parte.

A quarta pele, as identidades construídas a partir das relações humanas, é a que trata das identidades individuais e de grupos, encontradas nas sociedades humanas. Foram tratadas identidades como as de gênero, de classe, étnicas e pessoais com o feitiço de cartazes e breves explicações. Buscou-se fomentar relações não-capitalistas, sem lógica de mercado, sem competição, sem hierarquia e capazes de estimular a

construção coletiva. O foco foi estimular as crianças a terem um lazer não utilitarista, um espaço “de criação e (re)criação de identidades individuais e coletivas” (INÁCIO, 2005, p. 82). Pretendeu-se ensinar o respeito e o cultivo de relações ambientais saudáveis entre as crianças e elas com o ambiente. Neste momento a ênfase foi na construção de brinquedos sucatas, sempre com as crianças em grupos aleatórios, buscando sempre dividir os materiais de maneira irmana, estimulando elas a fazer os brinquedos em cooperação. A idéia era construir brinquedos para se brincar em grupo, como vai-vens, campos de “dedobol” feitos de papelão, telefones sem fio, fantoches etc.⁶

A quinta pele, a natureza, foi tratada com o intuito de conscientizar as crianças para o respeito, cultivo e amor pelo ambiente que as cerca. As crianças foram estimuladas a pensar sobre seu pertencimento a natureza com o plantio de flores e árvores, neste momento, foram plantadas em torno de duzentas árvores⁷, sempre estimulando as

⁶ No final das oficinas da segunda pele, a professora que cuidava dos alunos especiais do colégio, pediu que seus alunos fossem incluídos nas aulas. Em um primeiro momento, o convívio entre os alunos foi muito interessante. A estranheza que os alunos regulares tiveram no momento de serem divididos em grupos com os especiais e as conversas realizadas em torno das propostas das aulas e dos brinquedos sucatas ocasionaram um outro olhar dos regulares sobre os especiais. Entretanto, o aumento no número de alunos em sala, a diminuta quantidade de recicláveis disponibilizados pelo colégio e a inexperiência do professor foram decisivos para a posterior não aceitação de especiais nas aulas.

⁷ No colégio localizado no Bateias foram plantadas em torno de oito árvores, havia pouco espaço para mais, principalmente porque a dedicada diretora já havia feito uma campanha de plantio de árvores para tentar revitalizar a mata ciliar. O terreno no colégio dos Três Córregos é enorme e nele há uma fonte de água que não estava mais dando conta da demanda do

crianças a fazê-lo em cooperação. Ressaltou-se as diferentes maneiras pelas quais se encontram relações de interdependência na natureza, almejando ensinar sobre o mutualismo, predatismo, parasitismo, comensalismo e inquilinismo e como essas formas de convivência são encontradas também nas relações sociais humanas. Nesta pele, no colégio da região do Bateias, houve duas saídas de campo. Uma foi para uma reserva nacional, localidade preservada, onde as crianças contemplaram uma floresta primária, local que se esperava que as crianças tivessem a sensação de estar em um ambiente diverso, causando estranheza pela sua natureza diferenciada.⁸ O outro foi nas instalações de uma Ong que separa lixo para ser reciclado, espaço que as crianças tiveram contato com os mecanismos utilizados para separar lixo em escala industrial.⁹

Considerações finais

Com o projeto, pretendeu-se “plantar sementes” de outras relações possíveis para a infância, na qual além da criança como ser humano de direitos, também, como construtora de cultura e de

colégio, por ter sido derrubada boa parte da mata circundante e pelo aumento no número de alunos. A diretora teve o cuidado de pedir em torno de cento e noventa árvores para o horto municipal, solicitou para um funcionário fazer os buracos para o plantio.

⁸ Isso ocorreu apenas em parte, pela estrutura deficitária da reserva, que apesar de teoricamente ter projetos de educação ambiental, não havia pessoas ou um lugar específico capacitado para o momento educativo.

⁹ Um dos alunos fez um interessante comentário. Ele aparentemente tinha vergonha de seu pai trabalhar separando lixo dentro da Ong, tinha medo de ser motivo de piada de seus colegas. Quando soube que iríamos visitar a Ong, abriu um grande sorriso, pedindo para não contar para ninguém, mas com orgulho disse que seu pai ajudava a natureza, que antes ele cortava árvores para vender como lenha e que agora não, ele ajudava a salvar o Mundo reciclando lixo.

interações com o ambiente de maneira crítica e transformadora. A noção ampliada de corpo de Hundertwasser forneceu às crianças a possibilidade de uma compreensão sistêmica de mundo, com redes de relacionamento entre elas e o ambiente, nos quais elas são responsabilizadas pelo que consomem e descartam, construindo assim, outras relações entre os humanos, os não-humanos e o ambiente.

Apesar de todos os percalços encontrados na execução do projeto cinco peles fica aqui seu registro, para que outros educadores ambientais possam servir da experiência. Percebe-se que é necessário que haja uma mudança gradativa nas relações das pessoas com a natureza e que essa seja fundamentada em princípios que prezem, também, o não-humano. Vivemos em um mundo a beira de uma catástrofe ambiental, produzimos lixo em excesso, utilizamos os bens naturais desordenadamente, não respeitamos os direitos dos não-humanos, desmatamos

as florestas, confinamos, torturamos e matamos animais e colocamos em risco de extinção milhares de seres vivos pertencentes à fauna e flora.

Referências

CAIXA CULTURAL. **Olhares sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e Meio Ambiente** - Hundertwasser e Mello. Brasília: Ryobi, 2009.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus et al. Travessuras e artes na natureza: movimentos de uma sinfonia. In: SILVA, Ana Márcia, DAMIANI, Iara Regina (orgs). **Práticas Corporais: Trilhando e Compar(trilhando) as ações em Educação Física vol. II**. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar – atividades e materiais**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1995.

MELO, Cristiane Ker de et al. Educação do Corpomundo: princípios éticos, estéticos e ecológicos no fortalecimento da sensibilidade humana. In: FALCAO, José L. C.; SARAIVA, Maria C. **Práticas corporais resignificadas**. Florianópolis: Lagoa, 2007.